

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL AO ADOLESCENTE ¹

IMPORTANCE OF SEX EDUCATION TO ADOLESCENTS

Vanessa Dalsasso Batista Winter², Cátia Cristiane Matte Dezordi³, Adriane Cristina Bernat Kolankiewich⁵

¹Estudo de caso desenvolvido na Disciplina de Estágio em Enfermagem I da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

²Acadêmica do Curso de Graduação de Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

³Enfermeira. Mestre em Atenção Integral à Saúde. Docente do Curso de Enfermagem da UNIJUÍ

⁵Enfermeira. Doutora em Ciências. Docente do Curso de Enfermagem e do PPGAIS da UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

A adolescência corresponde ao período do desenvolvimento humano compreendido entre a puberdade e a vida adulta, sendo considerada uma fase de crises constantes decorrentes das mudanças físicas e comportamentais (MOREIRA, 2011). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência, a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos. (BRASIL, 1990).

Moreira (2011) aponta que nessa fase, sob a influência dos hormônios, os adolescentes são despertados para o desejo sexual. Estudo de revisão identificou que o início da vida sexual nessa faixa etária está progressivamente mais precoce, o que torna a educação sexual uma demanda importante para intervenção dos profissionais de saúde com objetivo de prevenir infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez não planejada (RODRIGUES et al, 2021).

A Atenção Primária à Saúde (APS) encontra dificuldades no que tange a saúde do adolescente, sendo necessárias melhorias na qualidade da assistência para criação de vínculo entre profissional e paciente (SILVA & ENGSTROM, 2020). Sendo assim, destaca-se a importância da participação do enfermeiro no processo de conscientização do adolescente com intuito de promover conhecimento através de orientações sobre métodos contraceptivos e o risco de relações sexuais desprotegidas (RODRIGUES et al, 2021).

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo descrever um relato de caso sobre a necessidade de educação sexual ao adolescente atendido na APS.



METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo relato de caso. Este estudo possui a intenção de aprofundar o conhecimento sobre a assistência de enfermagem, a partir das vivências práticas desenvolvidas durante a disciplina de Estágio em Enfermagem, I do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), em uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) do município de Ijuí, durante o 9º semestre.

No decorrer da disciplina, os alunos foram instigados a observar o campo prático e assim, desenvolver um estudo de caso com base em alguma experiência vivenciada pelo estudante. Dessa forma, o presente estudo será constituído pela identificação de um caso clínico atendido na ESF durante o período de maio a junho de 2022.

A coleta de dados se deu no mês de junho através de um questionário sociodemográfico e clínico, bem como realização de exame físico. Além disso, foi consultado o prontuário eletrônico SIMUS para coleta de informações das consultas realizadas na unidade de saúde. Por se tratar de um caso realizado com uma pessoa menor de idade, a acadêmica pediu a autorização da responsável através da assinatura de um termo de autorização que explicava o intuito da coleta de dados e do estudo a ser realizado posteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paciente K. C. S, 16 anos, sexo feminino, branca, ensino médio incompleto, solteira, residente de um município no interior do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Menarca aos 10 anos e início da vida sexual aos 15 anos. Foi recebida na ESF em questão, com queixas de dor ao urinar e secreção vaginal de coloração amarelo escuro, com início após relação sexual desprotegida. Foram realizados os Testes Rápidos (TR) para Sífilis, HIV, Hepatite B e C, todos não reagentes. Após avaliação médica, foi prescrito o uso do antibiótico Nitrofurantoína 100 mg para infecção urinária e Ibuprofeno 600 mg para dor.

No dia seguinte, a paciente retorna à unidade de saúde com queixas algícas. A mesma relata que as relações sexuais desprotegidas e consentidas. Ao exame especular, constatou-se lacerações vaginais, abundante secreção vaginal esverdeada e com odor fétido. Após nova avaliação médica, foi prescrito Penicilina Benzatina 2,3 M UI, IM, Azitromicina 2 g VO, dose



única, Metronidazol 2 mg VO, dose única e Ceftriaxona 500 mg IM, dose única. Na semana seguinte, retorna à unidade de saúde e no exame físico constatou-se a presença de lesões de características herpéticas na genitália, sendo encaminhado para avaliação médica que confirmou presença de herpes genital, iniciando tratamento com Aciclovir por 7 dias, via oral. A paciente então foi encaminhada para consulta em um centro especializado em saúde da mulher para avaliação.

Após 30 dias da exposição, foram repetidos os testes rápidos para sífilis, HIV, Hepatite B e C com resultados não reagentes novamente. Nesse período também foi realizado atendimento domiciliar, juntamente com o agente comunitário de saúde responsável, para coleta de dados sociodemográfico e clínico, bem como realização de exame físico geral e de orientações. A paciente encontrava-se em bom estado geral, com sinais vitais dentro do padrão de normalidade. Relatou irregularidade no ciclo menstrual, mas após realização de teste rápido BETA HCG, foi constatado que a mesma não se encontrava grávida. Através do atendimento domiciliar foi possível realizar educação em saúde com a adolescente sobre as possíveis ISTs, seus agravos e forma de prevenção. Após conversa com a mesma, foi possível realizar um plano assistencial abordando aspectos psicossociais, como também informações referentes aos cuidados relacionados à sexualidade.

Segundo Shannon & Klausner (2018), as ISTs são patologias comumente encontradas no público adolescente. Moreira et al (2021) aponta que a imaturidade, o início precoce da vida sexual, a resistência ao uso do preservativo, o número de parceiros sexuais e o uso de drogas lícitas e ilícitas estão entre os principais fatores que aumentam as taxas de ISTs em adolescentes. Também, autores apontam que os adolescentes apresentam conhecimento deficiente em relação ao modo de transmissão, à prevenção, à identificação dos sinais e sintomas e aos riscos de contágio das ISTs, o que evidencia a necessidade de práticas educativas relacionadas aos cuidados com a sexualidade com esse público (SILVA et al, 2021)

Além disso, estudo de revisão mostrou que os adolescentes encontram-se em um processo de vulnerabilidade por utilizarem preservativos de maneira irregular e por não terem informações suficientes sobre sexualidade. Também identificou que existe uma relação de poder desigual entre meninos e meninas, que as torna mais vulneráveis por não conseguirem negociar a utilização de preservativos com seus parceiros (SOUZA et al, 2021).



Portanto, para diminuir os casos de ISTs é necessário que os profissionais de saúde estejam engajados em ações que conscientizem os adolescentes sobre a importância de se prevenir, e quanto aos agravos de saúde caso uma exposição à infecção (RODRIGUES et al, 2021). Além disso, as medidas de prevenção devem envolver ações conjuntas do governo, escolas e famílias (MOREIRA et al, 2021).

Segundo Santos et al (2017), a educação em saúde é uma ferramenta que oportuniza a busca de novos hábitos e comportamentos mais saudáveis. Além disso, o empoderamento sobre as questões referentes à saúde melhora a qualidade de vida da população ao promover o autocuidado e a diminuição de agravos (SILVA et al, 2019). No contexto da adolescência, Furtado, Moraes e Breta (2020) expõem que a educação sexual deve iniciar ainda na pré-puberdade, pois esse público já têm conhecimentos sobre o assunto, ainda que sejam insuficientes e muitas vezes incorretos.

Nesse sentido, o enfermeiro tem o papel de educar e orientar sobre a prevenção e redução das ISTs na adolescência (JUNQUEIRA et al, 2016), portanto deve ter o compromisso de trabalhar em conjunto com os educadores e familiares, explorando o ambiente da escola como campo de práticas de prevenção e promoção da saúde através de consultas, palestras, grupos para troca de informações e experiências com adolescentes. (SANTOS et al, 2017; RODRIGUES et al, 2021). Cabe salientar que os serviços de saúde precisam prestar apoio e compreender os adolescentes para que os mesmos não se sintam julgados e possam ter atitudes positivas em relação ao autocuidado (NEVES et al, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo de caso foi possível compreender a importância da educação sexual durante o período da adolescência que deve ser realizada pelos profissionais de saúde em congruência com educadores e família para prevenção ISTs e seus agravos.

Palavras-chave: Adolescência; Educação Sexual; Enfermagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991.–3. ed.–Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. 92 p.



JUNQUEIRA, M. da S., SILVA, E. V. B., SANTOS, J. R. et al. Infecções sexualmente transmissíveis: atuação do enfermeiro nas ações educativas na adolescência. *Revista Saúde*. v. 10, n.1 (ESP), 2016. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/2725/2071>. Acesso em 27 jun 2022.

MOREIRA, L. M. A. Desenvolvimento e crescimento humano: da concepção à puberdade. In: *Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual* [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 113-123. Bahia de todos collection. ISBN 978-85-232-1157-8. Available from SciELO Books.

MOREIRA, G. B. C., MARTINS, G. B. B. S, PÉRET, I. S. A., et al. Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no Brasil. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas* - 2021 5(1): 59-66.

NEVES, R. G., WENDT, A., FLORES, T. R. et al. Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros, 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* [online]. 2017, v. 26, n. 3 [Acessado 27 Junho 2022], pp. 443-454. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300003>. ISSN 2237-9622.

RODRIGUES, S. M. da S. S.; MELO, T. de A.; SANTOS, C. B. P.; et al. The role of nurses in the sexual education of adolescents. *Research, Society and Development, [S. l.]*, v. 10, n. 14, p. e503101422498, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22498. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22498>. Acesso em: 26 jun. 2022.

SOUZA, A. T. da S.; FREITAS, F. R. N.; SILVA, M. F. G.; et al. Vulnerabilities of adolescents to sexually infections: An integrative review. *Research, Society and Development, [S. l.]*, v. 10, n. 1, p. e59910111867, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i1.11867. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11867>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SHANNON, C. L., & KLAUSNER, J. D. (2018). The growing epidemic of sexually transmitted infections in adolescents. *Current Opinion in Pediatrics*, 30(1), 137–143. ODI:10.1097/mop.0000000000000578

SILVA, F. P , MORAIS, L. P., MOTA, W. S. et al. Dúvidas sobre infecções sexualmente transmissíveis de adolescentes: revisão integrativa da literatura. *Rev enferm UFPE on line*. 2021;15(2):e247967. DOI: 10.5205/1981-8963.2021.247967.

SILVA, R. F. & ENGSTROM, E. M. Atenção integral à saúde do adolescente pela Atenção Primária à Saúde no território brasileiro: uma revisão integrativa. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online]. 2020, v. 24, suppl 1 [Acessado 27 Junho 2022], e190548. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.190548>>. Epub 14 Set 2020. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/Interface.190548>.